

REPERCURSOES DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO NA SAÚDE DOCENTE: conhecendo as influências de gênero na realidade de docentes de enfermagem

Autor (1): Claudia Suely Barreto Ferreira¹; Co-autor (1): Amanda Tainá Lima da Silva², Co-autor (3); Tatiane Pina Linhares³

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/ DEDC/ CAMPUS VII, claudiasuelyferreira@gmail.com

Resumo

Estudo que aborda as condições de trabalho de docentes, do sexo feminino, do curso de Bacharelado em enfermagem de uma Universidade do Estado da Bahia e suas repercussões na saúde destas profissionais. O objetivo do estudo é descrever como as condições de trabalho, bem como as imposições laborais repercutem na saúde destas docentes. Trata-se de uma pesquisa quantitativa de abordagem descritiva interpretativa. Os resultados revelaram que as condições de trabalho inadequadas, bem como a sobrecarga de atividades correlacionadas as duplas/triplas jornadas destas profissionais têm influenciado negativamente na qualidade de vida das mesmas, bem como corroborando para o surgimento de sinais e sintomas correlacionados ao estresse excessivo, bem como à depressão. Entretanto, é importante ressaltar, que apesar das dificuldades relatadas ainda existe um encanto, no que tange ao exercício da docência no ensino superior, para as docentes colaboradoras da pesquisa, o que é detectado diante da questão referente à satisfação com a profissão, onde todas relatam um sentimento de satisfação. O ambiente universitário é, sobretudo, um espaço onde persistem práticas que remetem à construção de alianças, de compartilhamento dos conhecimentos, de produção de novos sentidos e significados e cuja conquista por muito tempo foi almejada pelas mulheres, e que na atualidade é por elas ocupado com primazia.

Palavras-chave: Saúde do trabalhador; Docentes; Condições de trabalho; Gênero.

INTRODUÇÃO

É perceptível a escassez de estudos sobre condições de trabalho e saúde de docentes, principalmente no âmbito universitário, quando comparado a outras áreas trabalhistas, porém, é notória a importância que a saúde do trabalhador, possui para a sociedade. Esta escassez de estudos nesta área fica mais evidente, quando buscamos estudos direcionados à perspectiva de gênero e suas repercussões na saúde docente.

No Brasil evidencia-se a predominância de mulheres no setor educacional, sobretudo no ensino médio, no que tange ao ensino superior a realidade é inversa, entretanto as mulheres têm

¹ Mestre em Saúde Coletiva. Especialista em Enfermagem do Trabalho. Docente da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Campus VII - Senhor do Bonfim, Bahia, Brasil. E-mail: claudiasuelyferreira@gmail.com.

² Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Campus VII - Senhor do Bonfim, Bahia, Brasil. E-mail: amandha_lima14@hotmail.com

³ Mestranda em Educação e Diversidade Especialista em Enfermagem do Trabalho. Docente da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Campus VII - Senhor do Bonfim, Bahia, Brasil. E-mail: tatianepina_enf@hotmail.com

conquistado paulatinamente as vagas docentes, no ensino superior também. Para Bruschini (2007), Contextualizando a predominância feminina no magistério, são vários os elementos que contribuem para essa situação, dentre eles, a divisão sexual do trabalho como princípio organizador, a capacidade de outros setores da economia absorverem ou não as mulheres e a presença do setor público como empregador.

Além disso, Apple (1995) constata que o aumento do número de mulheres no magistério está acompanhado da perda de prestígio desta profissão, bem como da deterioração do salário docente, na perspectiva deste autor, isto se dá porque a atividade docente tem como principais componentes a 'maternagem e a servidão' que, por sua vez, são associadas no imaginário social a uma menor qualificação.

Neste estudo abordamos a mulher, docente e enfermeira, sendo assim não há como desassociar os estereótipos machistas, histórica e socialmente construídos que correlacionam a profissão de enfermagem, à caridade/filantropia, cuidado maternal e submissão, o que atribui um valor menor a esta profissão.

Percebemos assim, que o trabalho docente, neste caso em especial, não diz respeito somente à produção de bens e serviços, mas configura-se como um meio em que o processo saúde-doença é construído, pois se trata de um ambiente em que os indivíduos podem desenvolver suas habilidades técnicas, assistenciais, voltada para o cuidado de saúde do outro, bem como expressar suas emoções, sua personalidade e reforçar sua autoestima.

Diante do exposto, objetivamos com este estudo descrever como as condições de trabalho, repercutem na saúde das docentes do curso de Bacharelado em enfermagem de uma Universidade do Estado da Bahia.

Neste contexto, realizamos neste estudo, uma abordagem de maneira articulada entre condições do trabalho e suas repercussões no perfil de adoecimento das docentes, com o intuito de gerar novas discussões e reflexões sobre o tema com ênfase nas questões de gênero.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo de caráter quantitativo. A escolha por este método de pesquisa decorreu pela proposta de descrever com exatidão os dados encontrados, estabelecendo variáveis e correlacionando-as.

Nosso cenário de estudo foi a UNEB – CAMPUS VII, que está localizada na cidade de Senhor do Bonfim, no estado da Bahia – Brasil, e a população do estudo foi constituída pelos docentes atuantes no curso de Bacharel em Enfermagem. A partir dos questionários respondidos pelos dois sexos, pudemos fazer um estudo comparativo de gênero.

Para coleta de dados utilizamos um questionário que solicitava informações sócio demográficas, informações sobre características do ambiente de trabalho, além de características psicossociais do trabalho, além de questões relacionadas aos hábitos e qualidade de vida. Os resultados obtidos inicialmente foram organizados em uma planilha do Excel e depois alocados no software de domínio público EPI INFO versão 3.5.2.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade do Estado da Bahia em 11/03/2016, sob nº 50758215.8.0000.0057.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estudou-se 13 docentes efetivos do curso de enfermagem, a população de docentes apresentou média de idade de 35 anos, predominância do sexo feminino 84,6%, cuja maioria das docentes são casadas ou possuem companheiros, e têm com filhos. Com relação a predominância de docentes do sexo feminino, na docência do curso de graduação em enfermagem, coincide com o perfil da profissão, onde há um predomínio de profissionais deste sexo.

Em relação ao nível de pós-graduação, 15% destas profissionais possuem doutorado, 23% estão com o doutorado em andamento; 53% possuem mestrado, e 9% estão com o mestrado em andamento. No que tange os docentes do sexo masculino, 50% possuem doutorado e 50% estão com doutorado em andamento. O que denota que os docentes do sexo masculino possuem maior nível de pós graduação, em contraposição às docentes do sexo feminino. Evidenciamos que as mulheres, mesmo depois de conseguirem acesso à carreira docente, possuem maior dificuldade de avançar nela com a mesma velocidade que os homens, para Velho e León (1998), esta dificuldade está associada a fatores tais como processos de socialização para papéis sexuais, conflitos família-trabalho, menor níveis de investimento na educação feminina, além de mecanismos, alguns claros, outros mais sutis, de discriminação.

Quanto à jornada total de trabalho destes profissionais ao longo da semana, considerando todas as atividades que geram renda, corresponde á uma média de carga horária de 60 horas para o sexo feminino, e 45 horas para o sexo masculino. A maior sobrecarga de trabalho entre profissionais, do sexo feminino, está correlacionada à sua dificuldade de promoção acadêmica, conseqüente menor renda e maior necessidade de renda complementar com sobreposições de

vínculos trabalhistas. Este dado nos faz refletir sobre os prejuízos ao desenvolvimento do trabalho acadêmico feminino, além do déficit em sua qualidade de vida, em consequência da dupla/tripla jornada de trabalho que as mesmas desenvolvem, isso se deve ao fato destas mulheres ainda serem as principais responsáveis pelas tarefas domésticas, sendo esta, uma realidade apontada em outros estudos.

O Ambiente de trabalho da docente e a repercussão em sua saúde

A maioria das docentes que participaram do estudo referem, que o ambiente de trabalho é “razoável” para o desenvolvimento de suas atividades, mesmo não dispondo de condições ideais, consideram o ambiente de trabalho passível para o desenvolvimento de suas atividades laborais rotineiras, mesmo que isso a médio/longo prazo possa interferir diretamente no desenvolvimento de sintomas e/ou patologias, causando danos irremediáveis a saúde.

Em relação ao bem-estar destas profissionais durante sua jornada de trabalho identificamos que: 69,2% relatam a ausência de pausas durante a jornada de trabalho, sejam estas para descanso e/ou alimentação. Além disso, no que tange a sala de descanso na Instituição, 75,0% das participantes referem ausência de um espaço apropriado.

Diante do que foi posto, constatamos que a maioria destas profissionais se queixa da falta de estrutura para a realização do seu trabalho, acarretando nestas profissionais desgastes físicos e/ou emocional.

Ao perguntamos se onde as colaboradoras deste estudo trabalham existem discussões sobre as questões de adoecimento docente, todas as participantes responderam que não, sendo esta informação um dado negativo e surpreendente, visto que esta pesquisa foi realizada no âmbito de um curso de graduação em enfermagem, onde a saúde dos indivíduos é central em todas às disciplinas e os docentes são os responsáveis por proporcionar espaços de discussão e ensinamentos relacionados á saúde da população. Além disso, Matos e Pires (2002), relatam que quando se há estes espaços de discussão, criam-se oportunidades de formar novas relações de apoio e confiança, permitindo que profissionais exponham suas vivências e angustias, além de possibilitar melhor entendimento das situações vividas no ambiente de trabalho, para que seja possível buscar formas de minimizar ou solucionar problemas que possam configurar-se como riscos á saúde destes profissionais.

Qualidade de vida e condições psicossociais do trabalho na perspectiva feminina:

Quanto às características psicossociais do trabalho, as docentes relatam de forma enfática que o trabalho docente possui um grau de exigência emocional bastante elevado, isso decorre do

processo de trabalho ao qual está inserida, e das condições que esta profissional tem que enfrentar diariamente.

Com relação ao desenvolvimento da sua profissão na instituição, foram apontados aspectos positivos, que trazem benefícios à saúde, tais como: a possibilidade de se aprender coisas novas cotidianamente, o sentimento de união entre as pessoas com quem trabalham, além do fato das decisões serem tomadas de forma democrática entre colegas de trabalho. Estes aspectos corroboram para a satisfação na realização do trabalho docente, reafirmada por todas as profissionais que participaram da pesquisa.

Entretanto, existem alguns aspectos considerados dificultadores para a realização do trabalho, como: o tempo para a realização das tarefas, onde 61,5% citam ser insuficiente; o fato de serem solicitadas para realizar um volume excessivo de trabalho apontado por 76,9%. Além disso, 86% das participantes relatam que considerando o empenho e volume de trabalho não consideram seus salários adequados.

Noronha (2001) enfatiza que a precarização do trabalho docente, acaba interferindo na saúde destas profissionais, visto que a precarização, somada ao excesso de demanda para realização das atividades influenciam, de forma negativa, na qualidade de vida destas profissionais. Salientamos que esta precarização, no que tange ao sexo feminino, é umas das prerrogativas para o acúmulo de vínculos trabalhistas, que somado às atribuições domiciliares, atribuídas socialmente a elas, tem potencial para o adoecimento mental.

Quando comparados os relatos psicossociais no sexo feminino e masculino, evidenciamos que as docentes mulheres apresentaram queixas de cunho emocional que não foram evidenciadas no sexo oposto, tais como dificuldades para tomada de decisões 30,7%, e perda de interesse pelas coisas cotidianas 23%. Segundo Weber *et all* (2015), estas queixas, na literatura, estão diretamente relacionadas à depressão e ao estresse, que acabam desmotivando este indivíduo e acarretando problemas físicos e emocionais .

CONCLUSÃO

O arsenal de dados elencados revela o processo de sobrecarga e falta de condições de trabalho vêm acarretando consequências para a saúde das docentes, principalmente quando se trata de alterações físicas e emocionais, influenciando negativamente na saúde e qualidade de vida destas profissionais.

Contudo, é importante ressaltar, que apesar das dificuldades relatadas ainda existe um encanto, no que tange ao exercício da docência no ensino superior, para estas mulheres, que tanto

almejavam a conquista da profissão acadêmica, o que é detectado diante da questão referente à satisfação com a profissão, onde todas as participantes relatam um sentimento de satisfação.

Dada à importância do assunto, torna-se necessário o desenvolvimento de novas pesquisas sobre a temática, pois a saúde da docente, bem como a oferta de condições de trabalho adequadas a esta profissional não se esgota neste estudo, visto os atuais retrocessos direcionados à retirada dos direitos trabalhistas conquistados anteriormente e de forma árdua pela categoria.

Com a insensibilidade dos governantes responsáveis por incentivar a educação superior de qualidade e “sucateamento” destas instituições, acreditamos que a saúde docente tende a decair a níveis alarmantes, entretanto acreditamos que o incremento de espaços de discussão dentro das próprias universidades, é passível de possibilitar novos rumos para as instituições de nível superior, através de reivindicações contundentes e conseqüentemente implementações de melhorias nas condições de trabalho e saúde docente, em especial no que tange a perspectiva de gênero.

REFERÊNCIAS

1. Bruschini MCA, **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos**. Cadernos de Pesquisa. 2007 set-dez v. 37, n. 132, p. 537-572
2. Apple M, **Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e gênero**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
3. Velho L; León E, **A construção social da produção científica por mulheres**. Cadernos Pagu (10) 1998, p.309-344.
4. Noronha MMB, **Condições do exercício profissional da professora e dos possíveis efeitos sobre a saúde: estudo de casos das professoras do Ensino Fundamental em uma escola pública de Montes Claros, Minas Gerais**. Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais; 2001.
5. Weber LND, Leite CR, Stasiak GR, Santos CAS, Forteski R. **O estresse no trabalho do professor**. Rev Imagens da Educação. 2015;5(3), p. 40-52.
6. Matos E, Pires D. **A organização do trabalho da enfermagem na perspectiva dos trabalhadores de um hospital escola**. Texto & contexto enferm. 2002;11:187-205.